

Os Seminários em que



P. Arlindo Ribeiro da Cunha: «Leituras de Língua Portuguesa»; outras, organizadas pelo P. Abel Guerra, da Companhia de Jesus: «A Nossa Língua» e «Seleta Portuguesa Explicada». Eram muito boas. Dos Lusíadas, que estudávamos no quarto ano, usávamos uma edição de Artur Viegas, com alguns cortes, o que despertava a curiosidade para vermos o que tinha omitido.

Não líamos jornais. Um dos prazeres que tínhamos era, no dia de ida para férias, o de comprar, normalmente, o então Comércio do Porto.

Além dos livros de texto, pouco mais líamos. Não se estimulava muito a leitura. Da biblioteca do Seminário não se ouvia falar. No espaço que havia entre o salão do terceiro ano e as instalações sanitárias existia uma estante com livros mas não me recordo que tivesse grande movimento.

O P. Manuel Araújo de Abreu Carneiro, que, a partir do 3.º ano, foi diretor espiritual, emprestava-nos livros de formação, geralmente da editora Apostolado da Imprensa. Havia publicações que versavam temas missionários. Uma que muito me divertiu tinha por título «Na terra da boa gente». Livros de Emílio Salgari, de Júlio Verne, da Condessa de Ségur e de literatura portuguesa, só os lia nas férias.

Intelectualmente saíamos bem preparados, sobretudo em letras.

No primeiro ciclo (os três primeiros anos) tivemos as disciplinas de religião, português, latim, francês, ciências geográfico-naturais, matemática, desenho, música e ginástica.

Os compêndios adotados eram:



A equipa de futebol. No Sameiro, em 1950.

Religião: Catecismo; Bíblia das Escolas, de J. Ecker; Liturgia dos Fiéis, do P. Manuel Gomes de Almeida; Abrégé de la Doctrine Catholique, de A. Boulanger.

Português: as citadas antologias organizadas pelos padres Arlindo Ribeiro da Cunha e Abel Guerra; Epítome da Gramática Portuguesa, de Francisco Torrinha;

Latim: Selecta Latina, de J. Pinheiro; Gramática Latina, do P. Manuel Francisco de Miranda.

Francês: Methode, de Guerreiro Murta e Cerqueira Moreirinhas; Gramática da Língua Francesa, de B. Xavier Coutinho.

Ciências Geográfico-Naturais, de António G. Matoso.

Matemática, de José Júlio M. Nogueira Soares.

Geometria, de António do N. Palma Fernandes.

Desenho, de Luís Passos e Martins Barata.

Música: Teoria, de Ernesto

Vieira; Solfejo, de J. Bayer e A. Despagne.

Canto Coral: Cantai ao Senhor.

Do segundo ciclo apenas frequentámos no Seminário de Nossa Senhora da Conceição o quarto ano. Estudámos religião, português, latim, inglês, história universal, física e química, botânica, zoologia, geologia, álgebra, geometria, música e ginástica.

Livros de texto: Além de alguns dos já indicados no primeiro ciclo:

Português: Os Lusíadas (com alguns cortes), de Artur Viegas; Gramática Histórica, de Francisco Júlio Martins Sequeira.

Inglês: Método de Inglês, do P. Júlio Albino Ferreira.

História Universal, de António G. Matoso.

Botânica, de Américo Areal.

Zoologia, de Seomara da Costa Primo.

Álgebra, de Francisco Ferreira Neves.

Foram professores os padres Alípio Quintas Neves, Apolinário Rodrigues Rios, Benjamim de Oliveira Salgado, João Pereira Linhares, Joaquim Martins Torres, José Ferreira da Silva, José Gonçalves de Araújo, Júlio Vaz, Manuel de Araújo, Manuel Araújo Abreu Carneiro, Manuel Faria Borda, Manuel José Lopes, Manuel Vaz Coutinho, Rodrigo Guilhermino Ernesto de Carvalho. Como disse, tivemos ainda como professor Manuel Pereira da Cunha, que concluiu o curso de Teologia mas não se chegou a ordenar sacerdote. As aulas de ginástica estavam a cargo do médico, Dr. João Leitão de Azevedo e Sousa.

Além dos padres José Ferreira da Silva e Manuel Moreira da Silva, que já mencionei, tivemos ainda como prefei-

Continuamos hoje com a publicação de um conjunto de memórias do Monsenhor Domingos Silva Araújo sobre nos seminários onde viveu e se formou: Seminário de Nossa Senhora da Conceição (Seminário Menor), Seminário de Santiago, Seminário Conciliar da Rua de Santa Margarida. A sua "caminhada", a entrada no Seminário, as obras porque então passava o Seminário, o salão de estudo, a sala de jantar, o dormitório e as salas de aula foram alguns dos pormenores abordados na primeira parte deste texto, publicado a 23 de outubro de 2019.

Livros de texto e professores

Alguns dos livros de texto eram os do ensino oficial. Em Português usávamos uma antologia organizada pelo

Envio de trabalhos para publicação neste suplemento

vivi (2)

tos os padres António Gomes Ferreira, Aurélio Ribeiro Soares, Avelino dos Santos Antunes, Fernando Porfírio de Almeida Ribeiro, Gonçalo Araújo Abreu Pinheiro, Rodrigo Guilhermino Ernesto de Carvalho.

Alguns dos professores nem sempre manifestavam o devido respeito pelos alunos, ridicularizando-os, quando, nas chamadas, não respondiam com acerto.

Personalidades curiosas

Um dos professores mais típicos era o P. Manuel José Lopes, que, monárquico confesso, tinha militado nas lutas de Paiva Couceiro. Quando o acusavam de, em algum momento, ter fugido, defendia-se dizendo: não fugi; retirei-me estrategicamente.

Foi, na minha opinião, um muito bom professor de Francês e um razoável professor de Inglês.

Compunha peças de teatro e versejava com muita facilidade. Usava o pseudónimo Manuel Dume. Era homem de piada fina e resposta pronta. Dormia no Seminário Conciliar (Rua de Santa Margarida) e tomava as refeições no Seminário Menor, onde lecionava.

Compôs, então, o fado da catacumba, o quarto n.º 31, que ocupava:

Quem me quiser encontrar
De manhã cedo, em jejum,
Cemitério Conciliar,
Catacumba 31.

E vêm os grilos, vêm os grilos a cantar,

E vêm os mochos, vêm os mochos a piar,

E o «cadáver», cansado de trabalhar,

Vai p'rá tumba, vai p'rá tumba descansar.

Do Seminário Conciliar ia para o Seminário Menor através da quinta do Seminário ou da viela (às vezes lamenta) que veio a dar origem à atual Rua D. Manuel Vieira

Matos, passando ao lado da Casa Episcopal.

Dizia, referindo-se a essa viagem:

Ao passar lá por detrás
Do palácio de Caifás
Diz o Juca pr'o Hernâni:
Tanta lama, tanta lama!
Lama, lama, sabactani?
(Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonastes?).

dia este disse-lhe: o senhor, aos anos que é Capela já podia ser Igreja!

E o senhor Dr., ripostou o aluno, aos anos que é Leitão já podia ser porco!

Classificações

No fim do mês havia notas, quer de comportamento – piedade, disciplina, civilidade, aplicação – quer de aproveitamento escolar.

Quem tivesse sido surpreendido (a gente dizia apanhar um tiro) a falar na capela, no dormitório ou nas instalações sanitárias arriscava-se a ter três oitos: em piedade, disciplina e civilidade.

No fim do período, quem

coisa.

Ao ar livre predominavam os jogos do beto e da barra. Em anos mais adiantados, também se jogava voleibol. Futebol, em princípio, não se jogava. Só muito raras vezes.

Penso que andávamos no quarto ano quando foi inaugurado o Estádio 28 de Maio (hoje, 1.º de Maio). Recordo-me de, na aula, o P. Alípio Quintas Neves, professor de Física, ter falado depreciativamente do jogo de futebol que então se realizou, entre o Sporting de Braga e Futebol Clube do Porto, em cuja baliza dava cartas o Barrigana.

Os recreios que me deixaram mais saudades foram os que,

o seu lugar.

Vocabulário típico

Na linguagem evitava-se, como é lógico, o palavão.

Para o substituir era frequente o uso de vocábulos como ó que careco! (hoje dizem: fogo!), vou-te chinhar (= vou dar cabo de ti), estás chinado (= estás arrumado), foi um chinanço (= foi um desastre, quando, na aula, uma chamada tinha corrido mal).

Os vocábulos esticar e esticanço tanto se usavam no jogo do beto, quando um dos jogadores perdia, como para significar, nas aulas, uma chamada desastrosa.

Ser surpreendido pelo Perfeito a falar onde não era permitido ou em qualquer comportamento irregular era apanhar um tiro.

E já agora, recordo o vocábulo cartoleiro, atribuído a quem era protegido por algum dos superiores.

O dia-a-dia

No interior do Seminário, sempre que nos deslocávamos em grupo de um espaço para outro – para a capela, para o refeitório, para o dormitório, para o salão de estudo, para as aulas, para o recreio – íamos sempre em forma, dois a dois, com os mais pequenos à frente, e em silêncio.

Eu e o Ari, os mais pequenos, abríamos o cortejo. Na rua, a forma era de três.

Não era permitido andar com as mãos nos bolsos, sobretudo das calças.

Salvo raras exceções, os alunos de um ano não podiam falar com os de outros anos. Mesmo dentro do mesmo ano, era mais fácil conhecer os da própria turma do que os restantes condiscipulos.

A primeira ida ao Seminário Conciliar foi no dia da abertura solene das aulas. Assistimos a uma sessão solene, no salão nobre, cujo programa incluía a oração de sapiência, em que o P. José António Martins Gigante dissertou sobre a noção e fundamentos do Direito. Também houve a distribuição de prémios aos alunos que se tinham distinguido quer moral quer intelectualmente.

Horário

Tínhamos o seguinte horário:



Hino do Seminário Menor. Letra de Manuel Dume e Música de Manuel Faria Borda

Acusado pelo P. Manuel Faria Borda de ter copiado uma das músicas das suas peças de teatro, respondeu:

O c... piar é desgraça
Que acontece a toda a gente.

Quando o c... pia, que faça
Cada um por ser prudente.

Nos últimos tempos penso que vivia na Oficina de S. José, onde terá falecido.

Não possuía títulos académicos. Aos que se orgulhavam de os ter respondia: não sou poeta e faço versos; não sou dramaturgo e faço peças de teatro; uns são tudo mas não fazem nada; eu, que não sou nada, faço tudo!

Havia um aluno de apelido Capela que frequentes vezes ia ao médico, o Dr. Leitão. Um

tivesse negativas em comportamento, não ia para férias com os outros, ficando uns tempos de castigo, numa das salas de aula.

A leitura das notas era feita no salão, na mesa da prefeitura, com toda a solenidade, na presença do P. Apolinário Rodrigues Rios ou, em alguns casos, do Cónego Manuel Luís da Costa Azevedo. Havia alunos que recebiam fortes repreensões em público.

As notas iam de zero a vinte.

Recreios

Durante os períodos de recreio, que tanto podiam ser no salão de estudo como ao ar livre, não havia espetadores. Todos tínhamos de brincar, em grupo, com alguma

a partir de certa altura do ano – quando os dias começavam a ser maiores – fazíamos ao ar livre, no fim de jantar. Íamos para a capela a transpirar, mas satisfeitos. Às vezes jogávamos o hóquei em troço (um arremedo de hóquei em campo, em que os stiques eram troços de couve).

No salão entretínhamo-nos com jogos de mesa: damas, dominó, loto...

Íamos para os recreios em fila e em silêncio. Só dispersávamos quando o prefeito desse o Deo gratias.

Ao ar livre, terminado o recreio íamos para a forma, em silêncio, e dirigíamo-nos ao salão de estudo ou à capela, conforme os casos. Se era no salão, terminado o recreio cada um dirigia-se, em silêncio, para

06h00 – Levantar.
06h30 – Oração da manhã, meditação e Missa, na capela.
07h45 – Pequeno almoço e recreio.
08h15 – Estudo e ginástica.
08h45 – Aulas de 50 minutos cada, intercaladas com recreio de dez minutos.
12h45 – Almoço. Visita ao Santíssimo. Recreio.
14h45 – Aulas e estudo.
15h35 – Recreio.
15h40 – Estudo.
16h40 – Terço, na capela.
17h00 – Merenda e recreio.
17h30 – Leitura espiritual e estudo.
19h00 – Recreio.
19h15 – Estudo.
20h00 – Ceia e recreio.
21h00 – Orações da noite, Bênção do Santíssimo e exame de consciência. Este fazia-se através de um conjunto de perguntas lidas, normalmente, pelo Diretor do Seminário, que presidia: ao acordar lembrei-me de Deus? Levantei-me prontamente e vesti-me com modéstia?... etc.
21h30 – Deitar.

Vida espiritual

Tínhamos, diariamente, como se vê pelo referido horário, orações da manhã, meditação e Missa.
 Após o almoço fazíamos, comunitariamente, uma visita ao Santíssimo Sacramento.
 À tarde rezávamos o terço e, após o recreio que se seguia ao jantar, havia na capela as orações da noite.
 Semanalmente assistíamos a uma palestra feita por um dos diretores espirituais.
 No princípio do ano fazíamos, em silêncio, um retiro espiritual de vários dias, o mesmo acontecendo no mês de agosto. Isto, sempre no Seminário.
 A direção espiritual era, por via de regra, confiada a sacerdotes da Companhia de Jesus, mas não só.
 Confessávamo-nos periodicamente, para o que preenchíamos um papelinho. Este era utilizado para sermos chamados no momento oportuno e para um dos padres feitos controlar quantas vezes nos reconciliávamos.
 Às vezes, no salão de estudo era feito um tempo de leitura espiritual.

Aulas de civildade

Havia Prefeitos que nos davam, no salão, muito úteis aulas de boas maneiras. Utilizavam, para isso, sobretudo, o livro do P. Roberto Maciel, *Compêndio de Civilidade*, cuja leitura era recomendada. Aí se falava de como estar à mesa, de como escrever uma carta, de como conversar, das normas de higiene pessoal, etc.

Festas

Nos três dias de Carnaval não havia aulas. Durante o dia tínhamos tempos fortes de oração, com a capela muito engalanada pelo Xiquinho enfermeiro. Numa das noites havia uma récita com peças de teatro ensaiadas pelo P. Rodrigo Guilhermino Ernesto de Carvalho, Prefeito do 4.º ano. Noutra noite íamos ao teatro representado pelos alunos do Seminário Conciliar.

A festa da Imaculada Conceição, Padroeira do Seminário, e o mês de Maio eram celebrados com particular solenidade, para o que muito contribuía o orfeão, dirigido pelo P. Manuel Faria Borda.

O aniversário natalício do Prelado da Diocese, D. António Bento Martins Júnior, em 03 de maio, era feriado. Íamos ao Paço apresentar cumprimentos. Um aluno do quinto ano lia um discurso em nome de todos e apresentava o resultado de uma grinalda espiritual com o total das boas obras oferecidas: missas, comunhões, visitas ao Santíssimo, horas de estudo, jaculatórias, etc.

Nos dias mais solenes íamos à Sé, onde o Prelado da Diocese celebrava pontifical.

Contactos com a família

Só íamos a casa nas férias do Natal, da Páscoa e do Verão.

Os contactos com a família faziam-se durante um tempo limitado, em dias de visita previamente marcados, duas vezes por mês, e mediante a troca de correspondência.

As visitas eram todas ao mesmo tempo e no mesmo espaço, sem qualquer espécie de privacidade.

Eram a altura em que as

mães reforçavam os mimos que nos tinham dado no regresso de férias, - a marmelada, a fruta, o queijo, uns docinhos... - com que amenizávamos o trigo seco da merenda. Ter visita tornava-se sinónimo de possuir na carteira qualquer guloseima.

era enviada passava também por um Padre Prefeito que, depois de a ler, no-la entregava.

Vestuário

Vestíamos, no dia-a-dia, a roupa normal. Por cima era obrigatório pôr uma bata.

Quando saíamos, púnhamos fato preto, gravata preta

aulas, à tarde, se o tempo o permitia, dávamos um passeio, sempre acompanhados por dois prefeitos. Eram, por via de regra, grandes caminhadas, para os arredores da cidade.

Dentro da cidade íamos em forma, três a três, o que originava grandes filas. Depois, havia ordem de dispersar, passando, então, a caminharmos em pequenos grupos. O regresso fazia-se de novo em forma.

Serviços

No Seminário prestavam-nos diversos serviços. Havia um alfaiate. Um médico, o Dr. Leitão, que ia lá periodicamente e dava «aulas» de ginástica. Havia o enfermeiro Xiquinho. Havia a barbearia, liderada pelo Amaral, que gostava de associar, e fazia-o muito bem. Este Amaral era o bedel: levava aos professores o livro de ponto, e era o encarregado de tocar a capinha (a cabra) para assinalar o começo e o fim das aulas e chamar para os diversos atos comunitários.

Com certa frequência iam lá sapateiros buscar calçado para consertar (os senhores Quintas, Batista, Canadas) e encadernadores em busca de livros para arranjar.

Empregados

Todos os funcionários eram homens. Havia os cozinheiros, os padeiros, os serventes de mesa, um enfermeiro, um carpinteiro, um alfaiate, dois porteiros, um guarda-noturno...

Suponho que o sr. Valentim Neiva e o sr. João Penetra já eram porteiros, quando entrei no Seminário.

Havia dois funcionários muito amigos cujo nome nunca soube: o mouco e o mudo. Entendiam-se lindamente e eram muito divertidos. O primeiro era uma espécie de faz-tudo, mas particularmente trabalhos de carpintaria. Encarregavam-no de serviços de remendagem, dizendo que se tratava de soluções provisórias que, afinal, se vinham a eternizar. Os factos provocavam-lhe o comentário: nesta casa, os provisórios depressa passam a definitivos! (Provisórios e definitivos eram duas marcas de cigarros).

Todos pernoitavam no Seminário e tinham a sua Eucaristia diária, celebrada pelo Económico, antes da Missa dos alunos.

Hino

Penso ter sido em 1950 que se cantou pela primeira vez o Hino do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, com letra de Manuel Dume (o P. Manuel José Lopes, a quem me referi) e música do P. Manuel de Faria Borda:

Seminário da Virgem c'roada,
 Foco ardente de vida e de luz...
 Há de ser uma rede lançada
 Para as almas levar a Jesus.

Sementeira de Fé viva, ardente,
 Brota alegre no campo de Deus,
 E mais tarde virá diligente
 Levar almas ao reino dos Céus.

Coro

Vamos pois a esse trono de glória
 Que se ostenta no seu santuário,
 P'ra que fique em perpétua memória
 Este nome no seu Seminário.

Com a graça da Virgem regada
 Crescerá desde o início da aurora,
 E será sua vida guiada
 Pelo brilho da Augusta Senhora.

Virgem Santa, dos Santos herdeira,
 Deste lar noutros tempos tutores,
 Faz baixar uma esperança fagueira
 Que nos traga celestes favores.

Santo António, da Igreja ornamento,
 S. Luís, de celeste pureza,
 Enaltecem a todo o momento
 De Maria a sublime grandeza.

Nossos hinos de amor e ternura,
 Nosso afeto e filial devoção,
 Vêm trazer a grinalda mais pura
 De Maria à feliz Conceição.

Honra e glória à celeste Rainha,
 Nossa Mãe, nossa glória imortal,
 Pois há muito escolhido nos tinha
 P'ra guardar o seu trono real.

Em dias determinados era permitido escrever à família.

As cartas que expedíamos eram colocadas, abertas, em cima da mesa da prefeitura. Depois de as ler, o Padre Prefeito fechava-as ou mandava-as fechar.

A correspondência que nos

e chapéu da mesma cor, o que levava algumas pessoas a chamarem-nos padrecas.

Não era permitido andar com as mãos nos bolsos, sobretudo das calças.

Passeios

Nos dias em que não havia